

Toda vez que alguém pergunta a idade de Violeta Jafet, presidente honorária do Hospital Sírio-Libanês e filha de dona Adma, fundadora da sociedade beneficente nascida em 1921, o superintendente de estratégia corporativa do hospital, Paulo Chapchap, responde em tom de brincadeira: “106 anos, o que prova que o hospital é muito bom”. Mais do que um autoelogio, o comentário demonstra o avanço pelo qual passou o Sírio nos últimos anos, após parrudos investimentos da ordem de R\$ 1,2 bilhão em expansão, renovação e modernização, entre os anos de 2008 e 2014.

Um dos seis hospitais de referência do país — ao lado do Israelita Albert Einstein, do Alemão Oswaldo Cruz, do Samaritano, do HCor e do Moinhos de Vento (este último em Porto Alegre/RS) —, o Sírio e sua evolução são um reflexo de como a saúde privada brasileira floresceu nos últimos anos, impulsionada pela ineficiência dos serviços públicos e por vários outros fatores combinados como o crescimento do poder aquisitivo de boa camada da população que passou a contratar planos de saúde, do aumento no número de empregos formais e da oferta de produtos por parte das operadoras (dos mais populares aos mais sofisticados). Além disso, o aumento da expectativa de vida também fez a população gastar mais com medicamentos, tratamentos e na mensalidade de planos ou seguros saúde.

Na saúde e na doença, o setor que vive do tratamento, da cura e da prevenção desconhece o significado da expressão “baixa demanda”. Toda essa movimentação dos últimos anos levou a uma explosão nos investimentos por parte de hospitais e centros de diagnóstico, que passaram a atender muito mais pacientes que de costume.

A saúde, como dizem os especialistas, não tem preço, mas tem custos. Só em 2013, as despesas totais do Brasil com saúde foram de quase R\$ 450 bilhões, ou 9,2% do PIB. “Entre as dez maiores economias do mundo, só no Brasil a despesa privada é maior que a pública”, observa Francisco Balestrin, presidente da Associação Nacional de Hospitais Privados (Anahp). Do gasto total do país com a demanda, 44% vieram da saúde pública e 56% do setor privado — este último é composto pelos gastos com saúde suplementar e também consultas, exames, pequenos procedimentos e medicamentos pagos pelo cidadão. Já a despesa per capita com a saúde é bem maior no setor privado que público: R\$ 2.189 ante R\$ 980. Os números são da Anahp com dados da OMS, da ANS e do IBGE.

Balestrin lembra, ainda, que o setor de saúde privada cresce impulsionado não só pela existência de pacientes mais longevos, mas também pelo desenvolvimento econômico que levou a uma mudança epidemiológica. “Antigamente, sofriamos muito mais de doenças infecciosas. Só que passamos a ter um perfil de doenças mais parecidas às das economias mais fortes, que são as patologias crônicas não transmissíveis — cardíacas, oncológicas, vasculares e neurológicas. Adicione a isso tudo a maior condição socioeconômica do país. Esse cenário todo fez com que, nos últimos anos, o setor de saúde no Brasil florescesse de tal forma que hoje há cerca de 51 milhões de brasileiros com acesso aos planos de saúde, uma fatia muito maior que a população da Argentina. Como somos um setor de mão de obra intensiva, fomos um dos que mais contrataram. Quanto mais doentes, mais leitos hospitalares, mais recursos investidos e mais contratações”, explica Balestrin.

Esse crescimento não é privilégio apenas do Brasil. O médico Fábio Henrique Gregory, da superintendência de novos negócios e farmácia do Hospital Sírio-Libanês, explica que os gastos de saúde aumentaram como um todo na sociedade moderna, por conta não só do aumento da população, mas também do avanço da tecnologia médica, que tem levado à prevenção e também controle de doenças crônicas. “Em 2008, sentimos a necessidade de ofertar mais leitos, dada as altas taxas de ocupação do hospital, dos pacientes que aguardavam internação no auto-atendimento e do aumento dos pacientes oncológicos”, recorda. Foi assim que, antes da expansão iniciada em 2008, o Sírio passou de 372 leitos para um total de 439, devendo chegar a 727 ao

término da expansão, em 2017.

O Sírío também saltou os muros do bairro da Bela Vista (São Paulo) e abriu centros de diagnóstico e pequenos procedimentos nos Jardins e na Itaim, além de chegar, há cerca de quatro anos, a Brasília (DF) com uma unidade oncológica. A presença na cidade crescerá a partir da construção de um centro de diagnóstico nos próximos meses. A expansão continuará. “Pensamos em um projeto em uma região que cresce, a exemplo da região da Berrini [São Paulo]”, promete Gregory.

Não muito longe do Sírío, o Hospital Alemão Oswaldo Cruz, cuja inauguração do primeiro prédio ocorreu em 1906 e hoje é uma referência em serviços de alta complexidade em oncologia, cardiologia, neurologia, ortopedia e doenças digestivas, passou por um processo de ampliação no final de 2012 que levou ao incremento de 100 leitos, totalizando 371. Esse crescimento obrigou a instituição a contratar mais 400 colaboradores — a maioria técnicos de enfermagem, enfermeiros e médicos.

Embora seja uma associação sem finalidade econômica, que não visa o lucro, o hospital precisa ter lucro para fazer investimentos. “Todo resultado é revertido em expansão, melhoria de tecnologia, infraestrutura de TI e capacitação das pessoas. Temos desafios como a manutenção da qualidade com segurança ao paciente, a perenidade da instituição e a captação da equipe”, explica Paulo Vasconcellos Bastian, superintendente-executivo do Hospital Alemão Oswaldo Cruz.

No dia a dia do hospital, a busca por redução de custos e aumento de qualidade é uma constante. No primeiro caso, as negociações com os fornecedores é um caminho. Já no segundo, a aposta é no desenvolvimento de protocolos, processos e adoção de novas tecnologias. A inovação, inclusive, chega até os procedimentos de cirurgia robótica para tratamentos como o de câncer de próstata. O robô Da Vinci S HD, por exemplo, tem quatro braços e visualização 3D em alta definição para procedimentos cirúrgicos. O equipamento traz diversas vantagens para o paciente, já que o procedimento é menos invasivo e proporciona diagnóstico mais preciso, além de recuperação mais rápida e menos dolorosa.

Do ponto de vista dos cirurgiões, a robótica elimina possíveis e naturais tremores durante os movimentos, reduz a fadiga dos especialistas em procedimento, corrige e aumenta a liberdade dos movimentos e proporciona maior acessibilidade à microcirurgia, pois possibilita a majoração ou miniaturização das imagens e dos movimentos. Além da urologia, o Hospital Alemão Oswaldo Cruz utiliza o recurso do robô em cirurgias ginecológicas, ortopédicas, digestivas, cardíacas e procedimentos cirúrgicos na cabeça e pescoço.

No ano passado, Bastian conta que o hospital também realizou a primeira radioterapia intraoperatória da região Sudeste. O procedimento para a retirada de um tumor na mama foi complementado com um equipamento exclusivo e dedicado ao centro cirúrgico, o Intrabeam, voltado a pacientes com câncer em estágio inicial e submetidas à cirurgia. Essa nova técnica de radioterapia é aplicada durante a cirurgia e em uma única vez.

O Oswaldo Cruz também implantou recentemente a primeira sala cirúrgica em 3D da América Latina, na qual é possível gravar, transmitir e assistir a todo o procedimento cirúrgico. “Antes, só o médico conseguia ver o paciente por dentro em detalhes. Agora, a equipe inteira dotada de óculos tem o benefício da visibilidade. A tecnologia 3D dá melhor condição ao médico para analisar o campo de trabalho.”

Já a Beneficência Portuguesa de São Paulo, com 155 anos, 1,2 mil leitos e título de maior instituição hospitalar privada da América Latina, avança no número de pacientes, atendimentos e também especialidades. “Em 2013, inauguramos o Centro Oncológico Antônio Ermírio de Moraes, com o objetivo de atender à crescente demanda de pacientes oncológicos. Para a inauguração da unidade, foram investidos R\$ 160 milhões”, conta Denise Soares dos Santos, CEO da Beneficência.

Já no início de 2014, foram aportados R\$ 97 milhões na construção do bloco 2 do Hospital São José, do mesmo grupo, cujo projeto contempla a inauguração do primeiro pronto atendimento com uma área dedicada exclusivamente ao atendimento de pacientes oncológicos. O projeto conta com 31 salas de quimioterapia e equipamentos de última geração na área de radioterapia. Os investimentos continuam em 2015 e devem ser da ordem de R\$ 140 milhões.

Atualmente, há 6.312 hospitais no Brasil — destes, 3.979 são privados. Embora a demanda por leitos, médicos, enfermeiras e serviços de diagnóstico seja crescente, o possível cenário de recessão trará novos desafios (e custos) para o setor. “Primeiro, boa parte dos insumos usados pelo setor de saúde é importada, chegando a 100% em algumas áreas como bancos de sangue e diagnóstico por imagem. Durante muitos anos, o governo incentivou a importação por meio do dólar barato. É fato que vamos sofrer com essa desvalorização do real e que o custo vai aumentar. A mão de obra intensiva também deve trazer impactos como no ano passado, quando se somaram os reajustes com o aumento das contratações. Há ainda o impacto do custo dos serviços como informatização, adoção de novas tecnologias de bastidores e também centros cirúrgicos com salas inteligentes”, enumera Balestrin.

De carona na demanda crescente por tratamentos e medicamentos, os laboratórios também avançam no país, como é o caso da Zodiac Produtos Farmacêuticos, que fará neste ano um investimento de US\$ 10 milhões só em P&D (pesquisa & desenvolvimento), um incremento de 60% em relação a 2014. “Acreditamos no fortalecimento do mercado brasileiro”, afirma Heloísa Simão, presidente da Zodiac.

Atualmente, o laboratório tem uma linha de 15 produtos na área farmacêutica (como ortopedia, reumatologia, ginecologia e combate à dor) e outros 15 de oncologia (quimioterápicos). Para este ano, o laboratório planeja fazer importantes lançamentos de produtos e também expandir a força de vendas no país. Uma das apostas é a vitamina D Tridevit, a primeira do país no formato de minicomprimidos mastigáveis. “É o nosso primeiro produto desenvolvido no Brasil para o mercado brasileiro”, conta Heloísa. Além de importar medicamentos, a empresa também investe na produção local. Ela tem uma fábrica em Pindamonhangaba (SP), onde emprega 160 pessoas.

Além disso, o horizonte aponta para a possibilidade de aumento na taxa de desemprego no país ou então uma diminuição na velocidade das contratações. “Isso poderá resultar numa redução no ritmo de vendas de planos de saúde e na possível perda de carteiras, já que os planos empresariais compõem a maior parte dos negócios”, alerta. Ou seja, ele admite que o setor privado terá dificuldades para crescer em 2015. Por conta da demanda reprimida, é certo que haverá crescimento, mas a tendência é de que ele seja menor do que o dos exercícios anteriores. “Demanda sempre tem. O problema é se haverá financiamento. Sou realista, pois o otimista é um tolo. Estamos esperando para ver o que vai acontecer”, diz Balestrin.

Apesar do cenário, Erwin Kleuser, diretor de planejamento estratégico e orçamento da Amil, diz que a saúde é o maior desejo da população, fazendo com que ainda haja muito espaço para desenvolvimento no país. “Foi esse potencial de crescimento, inclusive, que chamou a atenção da multinacional americana UnitedHealth Group (que comprou a Amil em 2012). A meta, na média, é dobrar de tamanho a cada três, quatro anos”, explica o executivo.

Desde a regulamentação do setor de saúde, no final dos anos 90, a saúde privada tem crescido significativamente em números de membros e receitas. Hoje, 25% da população já tem acesso à saúde suplementar, o que dá por volta de 51 milhões de brasileiros, segundo a IMS. Para crescer, além das aquisições feitas em sua história, a Amil tem apostado em um variado portfólio de produtos, desde os mais competitivos com modelo de copagamento até os mais sofisticados.

As oportunidades, no entanto, vêm acompanhadas de desafios. Todas as operadoras, sem exceção, reclamam da escalada dos custos, impulsionados pela inflação médica, que é superior à inflação média — entre 15% e 18% ante os 6,5% registrados pelo IPCA em 2014 — e também pelas

mudanças nos prazos de atendimento, credenciamento de novos médicos e abrangência geográfica. “Hoje, a grande maioria dos planos de saúde não têm margens líquidas superiores a 2%”, afirma Kleuser.

Os planos individuais, responsáveis por 30% de todos os produtos comercializados, têm um ajuste anual liberado pela ANS (Agência Nacional de Saúde) que foi de cerca de 9% em 2014. Os 70% são corporativos e os aumentos são negociados com as empresas. Kleuser lembra ainda da frequência de liminares pró-consumidor obtidas na Justiça e que confrontam, segundo ele, cláusulas contratuais. “Não existe almoço grátis. Isso gera um custo adicional que leva a um reajuste maior no plano. A Justiça acredita que o direito do consumidor está acima de tudo e somos obrigados a prestar serviço. Penso que se o governo oferecesse incentivo fiscal ou uma carga tributária menor dos planos de saúde, isso contribuiria para um custo menor e para abraçarmos uma parcela maior da população”, defende Kleuser.

Para Rafael Moliterno Neto, presidente da Seguros Unimed, a saúde suplementar deve acompanhar o momento atual do país, o que resultará em dificuldade de crescimento em decorrência da estagnação da economia e também na perda de algumas vidas. Apesar disso tudo, ele acredita na assinatura de novos contratos. “Esperamos um crescimento da carteira de saúde da Unimed de 20%”, aposta Moliterno, após registrar um avanço de 70% em 2014. Esse salto, é importante ressaltar, foi obtido com a ajuda da aquisição da carteira de saúde da seguradora Tempo, em 2013. “Decisão que se mostrou extremamente equilibrada, que agregou volume à empresa e gerou resultados — dos 670 mil segurados da Unimed, 60 mil vieram da Tempo, que tem forte presença no Rio e em São Paulo”, conta.

Em paralelo, ele lembra que a busca por aumento de eficiência e redução de custos é diuturno para a Seguros Unimed, o que a tem levado a apostar mais na medicina preventiva, no controle de pacientes com doenças crônicas, dentre outras ações. “Saúde é uma operação de mutualidade. Se você não consegue reduzir o custo, ele se reflete no custo de todos.”

No universo corporativo, o produto saúde transformou-se no principal benefício. Cerca de 93% dos 4,4 milhões de segurados da Bradesco Saúde vêm de planos empresariais (de todos os portes), totalizando quase 100 mil empresas. “Uma pesquisa da MetLife internacional mostra que o plano de saúde é o grande desejo dos empregados e também dos aposentados, seguido posteriormente pela alimentação e pelo seguro de vida”, afirma Marcio Coriolano, presidente da Bradesco Saúde, Mediservice e FenaSaúde (Federação Nacional de Saúde Suplementar).

Coriolano afirma que as pequenas e médias empresas são o motor de desenvolvimento do setor e um dos grandes demandadores de planos de saúde da atualidade. Nos primeiros nove meses de 2014, todos os produtos da Bradesco Saúde apresentaram crescimento, com destaque para a carteira de pequenas e médias empresas, que evoluiu mais de 37% em faturamento, atingindo cerca de 870 mil vidas. “Crescemos acima do mercado porque somos grandes e com penetração nacional (presença em 5,5 mil municípios), focamos nas pequenas e médias empresas, e conseguimos capturar a demanda vinda das regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste.”

Fonte: [Forbes Brasil](#), em 25.04.2015.